

Nós e o Mundo

MAURA DE SENNA PEREIRA

LEITURAS NAS FÉRIAS DA PÁSCOA

As férias nos levam sempre para fora e, mesmo se ficarmos em casa, para fora das ocupações habituais. Vamos ter, então, maiores lazes para a leitura. Resolvi por isso fazer uma seleção dos livros recebidos ultimamente e sugerir-los aqui, esperando que os leitores se voltem para o autor e o gênero de sua preferência. Eis os títulos escolhidos: "O Quinze", o romance da vitoriosa estrela de Rachel de Queiroz, na 20.ª edição lançada pela Livraria José Olympio; "Mundo e Fundos", 2.ª parte de "Cem Anos de Memórias" de Almeida Coutin, lançamento da Editora Cátedra; "O Conto Brasileiro Contemporâneo", primorosa seleção de Alfredo Poci, enviada pela Editora Cultrix; "Poesia Vária" de Guilherme de Almeida; "Retrospectiva" de Geraldo Ferraz; "O Budismo e o Caminho da V.d.a.", de Christmas Humphreys, e "Comunicação Internacional", um volume completo sobre o tema, organizado pelos professores Heinz-Dietrich Fischer e John C. Merrill, todos trazendo também o selo da Cultrix; "Mário de Andrade, um Pouco", de Onayda Alvarença, e "História, Cultura & Liberdade", de Luís Camillo de Oliveira Netto, lançados pela JO; "Para uma Menina com uma Flor", "Para viver um grande amor" e "Antologia Poética" de Vinícius de Moraes, em sobrias reedições da mesma editora; "O Guarda-Roupa Alemão", novo e belo romance da catarinense Lausimar Laus, em lançamento da Pallás; "Qualquer Coisa é a mesma Coisa", de Ary Quintella, um dos mais categorizados renovadores do conto brasileiro, da Impacto Editorial. Outros livros dignos de serem lidos e queridos, todos com o tim-

bre da JO: "As Fundações da Morte", romance (premiado) de Haroldo Bruno; "A Grande Mulher Nua", crônicas de Luís Fernandes Veríssimo, com ilustrações do autor; "O E' mo de Mambrino", do ilustre crítico e ensaísta Lívio Xavier; "Intrusos no Paraíso", romance de Caio de Fretas. Mencionarei, também, de Luís Palva de Castro, poeta que viajou pelas ruínas e paisagens incalças, trazendo "Tautantinsuyu", o romance "O Misterioso Espírito das Árvores" (Ed. Cátedra) e "Seu Genésio, um homem do campo", publicação de Mobra/MEC/INL.

LEMBRETES — E não deixe de ler as excelentes revistas: "Ficção" (editores: Cícero Sandroni, Eglê Malheiros, Fausto Cunha, Laura Consência Sandroni e Salim Miguel); "Escrita", de São Paulo, de que eu destacaria, no n.º 6, a reportagem sobre "Dalcídio Jurandir no Purgatório", e "Convivência", órgão do PEN Clube do Brasil, recolta de estudos de vários associados, entre os quais, no número recentemente lançado com festa, o que Barbosa Lima Sobrinho dedicou à figura e à obra do saudoso humanista Ivan Lins.

CONVITES — A Galeria Quadrante convidou para o vernissage (5 de abril), de Yonne Bergamaschi (pinturas) e Paulo Bergamaschi de Souza (desenhos).

*** E a Academia Carioca de Letras, presidida pelo escritor Othon Costa e secretariada pelo ensaísta Pizarro Drummond, realizou, seguida de conquete no terraço do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — solenidade comemorativa do seu meio centenário (8 de abril).

O nome eu não direi jamais, porém, a história eu conto. É preciso que seja dita, eu sinto isso. Em meio a uma crise violenta, fui internado na clínica da Zona Sul e como de praxe encarcerado na ala da pesada, enfrentando a sossega leão. No primeiro dia de liberdade lá dentro, fui jogar pelada.

No primeiro choque, o rapaz me encarou e gritou:

— Você é um maconheiro safado!

Não sei porque não reagi, continuei jogando. Mais tarde, na enfermaria ele voltou a me abordar, já agora em outros termos. Fiquei sabendo que ele estava lá, preso pelo juiz. Fora pego drogado assaltando uma farmácia, fazia parte de uma gang que chegou a investir contra bancos. Uma barra pesada mesmo.

Ele passou a ser meu companheiro do dia a dia. Confesso que suas histórias me assustavam. Filho de gente muito bem posta na vida, engalfinhara-se pelos caminhos dos tóxicos, passara para o tráfico e depois aos assaltos. Entrou nas minúcias das ações armadas, contou suas sensações, o medo das vítimas.

Tudo por causa das drogas...

Muito esperto, tinha um jeito todo especial para filar cigarros e talvez tenha sido por isso que me adaptei a ele — sempre sobrava um para mim. Só que nossa amizade não era bem vista pelos médicos, eu estava a caminho da alta e aquela aproximação não era nada saudável. Ele de fato não mostrava um pingão de vontade de voltar a realidade das coisas, da vida.

Além de filar cigarros com maestria, ele fazia tudo para ter alta. Conseguia se comunicar com o pessoal de fora. Acho que ele tinha um QI muito alto, tanto que bolou uma maneira infalível de ser liberado da clínica: Deixou-se apanhar em flagrante com um homossexual.

Não deu outra coisa, no dia seguinte a decisão: Alta administrativa.

E o companheiro que me chamava de maconheiro safado, saiu, sumiu. Nunca mais o vi. Deve estar por aí, traficando, assaltando...

— CHEGUEI A SE
FAZIA CHOVER O

19,2x14,6
03a0433-76.M3